



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVIII — N.º 447 — Preço 1\$00
29 DE ABRIL DE 1961

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENCA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

DOCTRINA

Diante dos meus olhos um sobrescrito de um assinante da América do Norte. Por sobre o selo este carimbo: Pray for peace... Reze pela paz.

Fiquei meditando. Quantos milhões de vezes aquele dizer será impresso?...

Que repare nele uma minoria... Que dessa minoria aceite a lembrança outra minoria... Ainda assim serão milhares, talvez milhões, aqueles que levantam a Deus o pensamento rezando pela paz. A Paz que nós não temos, nem ninguém tem no Mundo (nem o Mundo pode dar!), por que falta aos homens boa-vontade para vencer os escolhos de se amarem como irmãos.

A Paz, antes de mais, é um dom interior, que se realiza e manifesta de dentro para fora.

Enquanto o homem for «lobo do homem» não haverá...

UMA CARTA

Queridos Gaiatos:

É por intermédio de um de vós que entrego este pequenino legado. Não promessa!... Resultado de um desejo desde há muito de empregar bem o meu primeiro dinheiro.

Estudante, fui sempre uma «pobre». Curso acabado há 3 ou 4 meses — agora sou rica. Por graça de Deus, que não por «cunhas».

Para que vocês lhe façam o que melhor entendam. Eu também fui vicentina e sei de necessidades de contas em atraso, e de dinheiro que não vem. Para vós, vicentinos, ou para vós outros, que não sendo vicentinos, o são pedém...

Um pedido apenas, por vosso intermédio — que Deus me ajude a usar bem o que ganhar, e me não deixe dominar por ele.

Assinante n.º não sei quantos.

Paz — mesmo que não haja guerra. Quando os homens se amarem como irmãos (Pelo que Cristo morreu!) haverá Paz — mesmo quando fôr o choque inevitável em cada acerto de critério.

A Paz, portanto, depende de todos nós, de cada um de nós. Todos sabemos, do pequenino mundo em que vivemos, quão difícil ela é por nós não sermos quem devemos ser. Sê-lo, lutar por ser quem deve-

mos ser — eis o remédio, o único, que operará o efeito desejado.

Será possível sê-lo, perseverar na luta por ser quem devemos ser, só pela força do nosso bom desejo, só com a arma da nossa boa-vontade?... Que mais ninguém falasse... a História diz que não!

Então, que o Senhor fecunde a nossa boa-vontade, dando-nos em razão desta a prometida Paz.

Não temos ao nosso alcance meio mais eficiente do que a força sugerida pelo dizer da quele carimbo.

Rezemos, pois, pelos homens... Rezemos pela Paz.

Africa

Outra circunstância menos conforme à natureza humana é a uniformidade. A criação da alma de cada homem é um acto distinto da parte de Deus. Todos criados à Sua imagem e semelhança... Porém, como Ele é a Perfeição infinita, não há o risco de que a multidão inumerável de homens — que foram, são e hão-de ser — venha a formar a possibilidade de um aspecto sempre inédito reflectido por cada um deles. Não há dois homens iguais. Por isso, toda a espécie de uniformidade sempre será um fato feito sem medida, que não pode vestir bem a todos.

Sucede que em países ainda mais pequenos do que a nossa Metrópole, há diferenças étnicas muito acentuadas entre regiões vizinhas. Em Portugal a psicologia do minhoto e do beirão é bem diversa, para não dizer da diversidade do alentejano e do algarvio, ali, paredes meias.

Ora acontece que o nosso minhoto ou transmontano dirigido ao Colonato, desembarcou com um ribatejano ou algarvio e ambos vão morar em casas perfeitamente iguais, com o mesmo mobiliário, sujeitos a directrizes de trabalho um bocadinho rígidas, elas que têm de se adaptar a culturas novas, sem dúvida, mas sem que possa esquecer-se que são diferentes os seus pontos de partida quanto aos tempos de cultura, aos processos e às preferências. Não admira, pois, que reajam diversamente e

alguns sintam o peso da novidade, como é vulgar sentir-se a incomodidade de um casaco novo ou de uns sapatos a estreitar.

Claro que a construção em série é mais barata. Mas, não é, nas parcelas anti-humanas que é inteligente fazer economia, sabendo-se que o rendimento psicológico descerá e com este o rendimento do trabalho.

Continua na terceira página

A FESTA

Quando este jornal sair já foi o Coliseu; irá ser depois de amanhã o Avenida de Coimbra.

Quando escrevo (manhã de 15 de Abril), apuram-se os preparativos do Paço de Sousa e em Miranda e Coimbra. Aqui, «Sardinha» (Agora que fez seus exames finais de Professor Primário tem de passar a ser definitivamente, Carlos Manuel Trindade!) é o agente «da activa». Peça a representar, variedades, apresentação do espectáculo é, sobretudo, com ele. Em Paço de Sousa, tenho a dizer em abono da verdade que nunca os últimos dias de ensaios foram tão calmos como este ano.

Américo tem sido um director completo. Como é alfaiate, até o guarda-roupa é preparado por suas mãos. Foi ontem ao Porto buscar não sei o quê e tratar de cenários. No regresso perguntei-lhe se podia dormir sossegado. «Que sim».

Que bom! Que bom quando temos um rapaz no seu lugar a dar conta!

Júlio foi hoje de manhã pró Porto. É a propaganda! Ele é o ministro da propaganda e da burocracia... que lhe levantam debaixo dos pés. Ontem saiu nos rádios uma palestra sua. Eu não ouvi, nem vi o texto, nem sei o que ele disse. Sei que ele sabe o que diz e diz do coração. Isso me basta.

No Tojal, P.e José Maria tem o Cândido para partilhar da sua azáfama. Setúbal, por mais nova que é, deixa a Padre Acílio maior encargo. Mas a seu tempo há-de ali surgir o rapaz que o fará provar a deliciosa espectáculo em que eu agora vivo a respeito da Festa.

O próximo número sai em 13 de Maio. Se Deus quiser há-de levar notícias frescas do Porto e de Coimbra a espicaçar o desejo dos lisboetas e setubalenses. O pior é se então já não há bilhetes para o Império com pró Luisa Toddy... «Homem prevenido vale por dois!»



CALVARIO

A já simpática pequenita Maria Alice, tem sido ocasião de profunda meditação para mim, pelo reflexo de problemas que traduz. Os visitantes que chegam arregalam os olhos e vomitam todos a mesma admiração:

—«Só visto!»

E só! Os nossos olhos persistem em duvidar, porquanto não é para menos, que um ser humano tenha vivido seis anos com a tenha dimensão e quantitativo físico que possuía ao nascer. Parece incrível que a Mãe ignorasse a alimentação precisa para a filha; que por ali não se encontrassem vizinhas amigas para ajudar es-

te ser no crescimento normal, suprimindo o que talvez faltasse aos recursos maternos; que não houvesse nas imediações organismos adequados que alvitrassem sugestões; ou, mesmo, autoridades competentes para intervir e não deixar que este ser permanecesse vegetativo apenas e com o peso quase idêntico ao do nascer.

Nós ignoramos os desígnios de Deus. Ele costuma escrever diretamente sinuosas. E, neste caso, parece que a Maria Alice aguentou seis anos de vida para hoje agitar problemas, despertar consciências e afoquear o amor dos homens,

que é o maior valor em todas as contingências da História.

Tem sido um buliço em casa, por via da Maria Alice. Ele, Senhor Ministro pressuroso a desejar saber. Ele, Senhor Delegado de Saúde. Ele, médicos; ele, visitantes, alguns vindos da capital; ele, imprensa a inquirir e a badalar.

Oftalmologista amigo que a observou, confirma que a cegueira desta criança, em consequência de carência vitamínica muito alta, quase absoluta, é facto bastante corrente naquela região. Além doutras, uma das razões está na ignorância de alimentação ministrada às crianças. Normalmente as mães não sabem alimentar os filhos, por aqueles lados. Na sua boa intenção, ficam com os filhos de peito, anos seguidos. Esta criança com seis anos ainda não sabe comer! De modo que parece

Continua na segunda página



FACETAS DE UMA VIDA

Não sei como foi parar ao «dossier» do Amigo esta carta dirigida a seu irmão Jaime em Dezembro de 1927. Conjecturo que lhe terá mandado cópia justamente porque em ambos o problema da Fé era uma operação incipiente e difícil, que ele queria ajudar a realizar. «Nos homens da tua igualha, que beberam a Fé no leite da Mãe e a perderam no mundo, esta virtude é de difícil aquisição».

O Américo bem o sabia, ainda que o mundo nunca tivesse chegado a queimar-lhe profundamente as raízes da Fé. Por isso que sabia as dificuldades; por isso que era amigo tanto com a inteligência como com o coração — o Américo terá aproveitado matar dois coelhos de uma cajadada; e assim, com as mesmas «extensas regras» para ler «nas extensas horas das noites que correm» fazia bem ao Amigo e ao Irmão.

Seja ou não assim, aí vai repartida por dois ou três números mais este documento da sua «inquietação de futuro sacerdote», pastor apaixonado das ovelhas desgarradas.

Jaime,

Uma vez que não vou vizitar-vo este Natal, quero mandar-te a minha palavra em extensas regras, sincera e juvenil, para que nas extensas horas das noites que correm, tu possas avaliar e talvez sentir, o excesso de vida que me consome.

Viver escondido dentro de nós mesmos no mundo das formas, das cores e dos sons; desprezar a vida que toda a gente procura, para a gozar muito suavemente no amor de Deus e dos homens, procurando-os sem contudo nos procurar; sentir tudo e todos como quem não sente nada — é assim à primeira vista uma romantica quimera de homens que escrevem especiosas ideias para os outros e seguem outras para si. Parece, mas não é. Esta é a vida que vale a pena viver e que se vive com alegria. É a minha vida!

É muito difícil levar o verdadeiro conceito da divindade à gente que tem o hábito de escolher para si o Deus que

mais lhe convém, mas a tua carta deu-me a este respeito impressões tão gratas que eu suponho a tua atitude intelectual verdadeiramente equilibrada e vou arriscar duas palavras proveitosas e interessantes.

Deus é uma palavra com que tu não exprimes a ideia da divindade. Porque, bem vês, se nós, em rigor, só damos o nome àquilo que conhecemos, nome tanto mais adequado quanto mais completo for o conhecimento que temos do objecto (e tanto assim é que as crianças só chamam pelas coisas à medida que as conhecem), certo é que o nome da coisa implica sempre a sua definição. Ora se nós não conhecemos Deus, como defini-lo ou ter d'Ele uma ideia precisa? Por isso tomemos esta palavra como simples apelativo e sigamos outro caminho, em cata da ideia.

Toda a gente subscreve o facto inofismável da supremacia do espírito sobre a matéria. A grandeza material dos povos nunca lhes sobreviveu enquanto que a força que os levantou nas letras, na arte, no génio e na virtude, atravessa os tempos nas asas da imortalidade. Por isso, se tudo quanto o mundo tem de grande e a vida do precioso é obra do pensamento e se, por outro lado, o conceito que se faz da divindade é tamanho que é precisamente nele, fora de nós, que procuramos a última razão de ser — aonde parece o que devemos colocar Deus senão nas forças espirituais do universo? Temos já encontrado uma ideia suficiente da divindade.

Força espiritual, dizia eu; que qualidade e força? Será um elemento imenso, anónimo, indefinido, confundindo-se vagamente com as coisas e pessoas, sem existência independente nem realidade objectiva e assim Deus e Natureza seria uma e a mesma coisa? Teremos que esta força misteriosa será um mero sentimento delectável, simples norma de moralidade dos n/ actos? Fora do alcance da consciência e da razão? O conceito desta força ou divindade será por ventura uma coisa a tal ponto indiferente que Jupiter, Confucio, Mithra, Allah, Deus, manipaços, Natureza, Grande Arquitecto, crenças, oráculos, credences, mistérios, bruxedos, sacrificios, iniciações, catedrais, mesquitas, sinagogas, pagodes, desertos, bosques, tudo serve e tudo convem, porque tudo indiferentemente satisfaz a insuficiência do homem e responde ao desejo de Deus, inato, não que se trate de uma realidade concreta? Seguramente não, e vamos já demonstrar.

Continua

VISADO
PELA CENSURA

Todos os anos gosto muito de dar este testemunho. Não é propriamente dar contas. Não há ninguém de recta intenção que possa duvidar da nossa vida. Mas este testemunho que damos é mais uma afirmação do Bem de que Deus nos faz participantes. A nós que recebemos e todos aqueles que têm ocasião de repartir do que Deus lhe deu.

Somos cerca de cem bocas, cem corpos e cem almas, não contando os Pobres, nem colónias de férias. Temos deles a dormir no chão, por falta de espaço para camas.

Com a alimentação, vestuário, calçado, escola, saúde, obras e oficinas (que vão sendo uma grande fonte de recuperação) gastámos Esc. 360.666\$30.

A nossa principal fonte de receita foi a confiança no Pai Celeste. Confiança activa. Ai de nós se cruzássemos os braços e ficássemos à espera que Deus fizesse chover! Confiamos, embora trabalhemos como se tudo dependesse de nós. Não podemos tentar a Deus. Quantas vezes parto de casa e vou para as ruas de Coimbra com os bolsos do avesso. Ainda a semana passada não pagámos o salário semanal e estivemos quatro dias em dez tostões que alguém den a um dos nossos pequenitos. Gostei tanto daqueles dias, embora me afligisse bastante!

A seguir ao Pai do Céu vem a receita da mãe terra que Ele nos deu e que nós amamos com tanto amor. Da terra tiramos a maior parte da nossa alimentação. Lucramos ainda o amor ao trabalho e ao sacrifício. O trabalho tem sido um dos grandes meios (senão o maior) de educação nas Casas do Gaiato.

De muitas mãos que se abriram nas nossas ou em carta trinta e cinco contos e

TRIBUNA de Coimbra

meio. As nossas sacas nas igrejas recolheram sessenta e cinco. Nove de assinaturas pagas. Os subscritores de Coimbra que são massacrados (e alguns bem massacrados) duas vezes por ano pelos gaiatos cobradores entregaram quase nove. Os nossos rapazes que trabalham fora de casa colaboraram com vinte e um. A sapataria e serralharia e carpintaria apuraram sessenta de obras para os seus clientes. De gado e criação quinze. Sessenta e quatro e meio de subsídios oficiais. A festa no Teatro Avenida, além de muita alegria e muita estima e muitas lágrimas e muita devoção, deixou-nos vinte e um e meio.

A maior parte foi trazida pelos nossos pequenitos vendedores: sessenta e sete. Não é por ser a maior que mais nos cativa, mas sim por ser a mais expressiva, tanto da parte dos vendedores como de

quem os recebe. Eles são os pregoeiros da Obra. São o maior testemunho do amor que irradia de quem nos conhece: Seja na Covilhã, Fundão ou Castelo Branco onde dois passam quatro dias rodeados de tantos carinhos e zelo; seja em Tomar, Leiria, Figueira e Lousã onde são recebidos de igual modo. Em Coimbra é a escola; é o campo de treino. Tem muitas vezes que se tornem pesados, mas a compreensão de quem nos conhece vai perdoar.

Se pudéssemos agradecer, teríamos um agradecimento especial para todos os que colaboram na difusão de «O Gaiato». Mas como não podemos agradecer, louvamos a Deus por tudo e que guarde toda a recompensa para o Dia de cada um de nós. Eis o nosso testemunho de gratidão e a nossa prece ao Senhor.

Padre Horácio

Cantinho dos Rapazes

Foi do Lar de Lisboa que nasceu a lembrança da Campanha da Delicadeza.

Cândido era o chefe maior em Paço de Sousa. Andava em visita de confraternização às nossas Casas e Lares do Centro e do Sul... Pois foi ali, na mais pequena comunidade da «Obra da Rua» (que

também tem sido a mais difícil de estabilizar), foi ali que ele colheu, do cumprimento que todos se davam à chegada e à partida de qualquer, a doce impressão que o determinou à Campanha.

Esta continuou depois, com intermitências... Talvez por isso os frutos não são o que desejava!

— Porquê tamanho interesse pela delicadeza? — Claro que se ela for meramente exterior, pode não passar de hipocrisia ou simples formalismo!

Não é desta que se quer. Porém, entre vós (nomeadamente entre aqueles nossos rapazes), não acredito que fôssem uma coisa ou outra aquelas manifestações de cortesia; antes, um hábito bom que se exteriorizava. E cada exteriorização de um bom hábito é um exercício que o enraiza mais profundamente em nós.

Assim, a delicadeza que se quer há-de ser explosão de uma alma nobre e delicada. Mas, é certo — repito — que esta delicadeza interior se aperfeiçoa pelo exercício externo em cada acto de fraterno cordealidade.

E a prova está em que os nossos rapazes de Lisboa têm lembranças que tocam já a Caridade fraterna, lembranças que nunca acudiram à mente das outras comunidades. Eu próprio conservo no coração memória de muitas e agora de mais esta que foi a mais saborosa sobremesa da minha Páscoa: Um cartãozinho dos nossos dirigido ao Chefe e

Setúbal

Festa é o tema único que galvaniza o espírito de todos os rapazes, os faz conversar, discutir e até sonhar. Todos têm sugestões, todos ideias, todos projectos e todos são actores. A vida desta Casa é um palco contínuo onde se apresentam grandes cenas imbuídas das melhores lições; não admira portanto que as coisas se passem deste modo. Os actores apresentam-se tal como são e como vivem. Aqui o inédito da nossa festa, a beleza que fez delirar de felicidade os espectadores do ano passado! Foi uma coisa inédita, ouvi dizer a tanta gente. Este ano será de igual modo. A verdade e a espontaneidade aparecerão no vigor da sua pureza, desde a simplicidade e inocência dos mais pequenitos até a desenvoltura e importância dos mais velhos.

Principiará o grupo cénico, com um drama guerreiro em 3 actos onde a coragem e a nobreza dum sensibilidade fidalga capaz de entusiasmar a juventude, rebentam em cada frase e em cada cena. Cartucho, aliás o Senhor Bento Paisana, chefe maior em casa, ver-se-á em cena com toda a sua troupe, a distribuir trabalho e a explicar na prática como é possível conviverem em felicidade cento e tantos rapazes, sem vigias, sem prefeitos e directores.

Actividades desportivas e recreativas com a representação de todas as Casas do Gaiato do País finalizarão com uma surpresa.

Nautílio e Mané, «actores muito conhecidos do público», apresentarão o seu colega Daniel que os sobrepe em todos os géneros de comédia ou drama.

Eu não lhe chamo festa, chamo-lhe convívio. Convívio nosso com os nossos amigos, comunicação de ideias e de vidas, encontro magno da Obra da Rua em Setúbal.

Padre Acílio

CALVÁRIO

Continuação da primeira página muito urgente que se espalhem pelos meios rurais postos de assistência materno-infantis, para que não haja distrofias graves e frequentes e todos beneficiemos com a ausência de pesos mortos, substituídos por gente sã e escorreita. E, deste modo, não oíçamos mais a triste exclamação da pasmaçeira: — «Era melhor que o Senhor os levasse». Pois, que temos nós feito para que eles fiquem?

Padre Baptista

Campanha de assinaturas

A VOZ DOS LEITORES — Temos em nossas mãos peccadoras uma carta que não resistimos a publicar. Ei-la:

Tem esta o fim de lhes enviar uma lista com 1 assinante. Lamento que na Repartição onde sou funcionário somente tenha conseguido uma, mas a maior parte dos meus colegas anda, como Marta, irmã de Lázaro, afadigada com muitas coisas, quando uma só é a mais necessária a leitura do Santo Evangelho e do seu Famosíssimo Porta-Voz: «O Gaiato», que tanto tem consolado a minha alma.

E, no meio desta incompreensível apatia, o que mais me custa, ou melhor, o que mais me admira é que, sendo eu um cristão evangélico baptista, tenha mais amor à vossa obra, do que as minhas colegas, que se dizem católicas.

No entanto o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo não conhece barreiras e faz amar até os próprios inimigos, se bem que para mim só considere inimigos da Cruz de Cristo os pseudo-cristãos e os ateus.

Este leitor vai fazer muita luz e abrir os olhos a muita gente, da que ainda não deu fé das trevas.

X X X

PORTO / LISBOA — Os senhores prestem atenção ao Snr. Padre José Maria da nossa Casa do Tojal:

«Cá está Lisboa com mais oito! Desta vez é que a coisa pegou. E tem de continuar. Cá por Lisboa há muito onde é preciso entrar».

isto: «Os rapazes do Lar de Lisboa desejam aos nossos irmãos de Paço de Sousa uma feliz Páscoa».

Duas semanas antes estive no Reformatório de Caxias. Dali saí há pouco o «Manuel do Embrulho», que foi estrela nas colunas inesquecíveis do «Isto é a Casa do Gaiato»; ali está ainda o João Imaginário, a quem chamavam «Lélé» os nossos do Tojal. Este pediu licença e acompanhou-nos na visita às belas instalações do Reformatório. Era tardinha. Os rapazes regressavam do trabalho; juntavam-se na sala comum ou no alpendre dos seus pavilhões. À nossa passagem levantavam-se sorridentes, com um baixar de cabeça muito discreto e simples — espontânea expressão de um bom hábito que não deixará de redundar sobre o carácter, afinando-o, afidalgando-o.

Mário Tito estava ali, ao pé de mim, testemunhando.

Que impressão deliciosa eu trouxe! Posso dizê-lo...? Tive inveja!

E por isso a gente não arrefece. Lisboa é um mundo e «O Gaiato» anda por lá, ainda, tão desconhecido! Que os senhores alfacinhas redobrem de esforços na conquista de leitores pró Famoso — desde o Terreiro do Paço ao lar mais humilde. Vamos, enquanto é tempo!

O Porto subiu uns degraus e caminha de mãos dadas à Capital. Ora assim é que é! E nós ficamos muito contentes, porque não gostamos de ver o Porto, — onde a Obra da Rua ganhou suas esporas de ouro — nas escadas do rés do chão.

X X X

DO MINHO AO ALGARVE — Não é sem um nadinha de

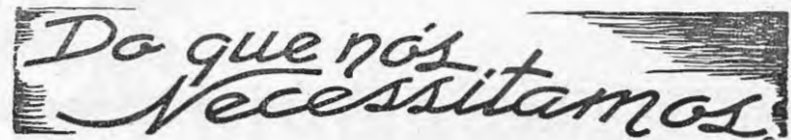
emoção que transmitimos notícias da Campanha. Há volta de 8 meses que anda a procissão na rua e o interesse maior fervor são os mesmos do início!

Vamos abrir o desfile com uma lista de 11 assinantes da Figueira da Foz, incluindo um da Beira (Moçambique) e outro de Lisboa. Ao longo da caminhada a Figueira está marcando uma presença agradável. Mas os figueirenses que não acordaram façam favor de se levantar que ainda há, por aí, muitas portas fechadas pró Famoso.

E temos mais gente fresca de Rio Maior e Covilhã e Tortozendo e Leiria. Mais Penacova, Alijó, S. Mamede de Ribasua, Campo Maior, Cova da Piedade, Guarda, Viseu, Santa Cruz da Trapa e Rebordosa (Baltar).

E até à próxima se Deus quiser.

Júlio Mendes



Se as relações entre os homens fossem reguladas pela Lei da Justiça e da Caridade todos os problemas encontrariam solução. «Patrões e operários da Fábrica de Malhas «Marão», irmanados na mesma Fé e com muito amor, depositam nas mãos de Pai Américo estas migalhas para que do Céu sejam abençoadas — 1.440\$00». O M. da Corticeira vem com a sua cota mensal — 20\$00, «e este mês não posso mandar mais porque minha mulher está doente». E no mês seguinte dá mais vinte como é costume quando tem mais trabalho.

Segue o desfile das migalhas mais pequenas. Para além do significado material, que é muito grande, descobrimos sempre uma palavra, uma linha, uma carta que diz muito mais. Quase sempre são resultados de compromissos assumidos livremente: um sacrifício, uma renúncia, uma alegria, uma tristeza. São migalhas vivas.

Vieram 20\$ da R. da Madalena, Lisboa e mais 20\$; outro tanto de Oliveira de Azeméis, em acção de graças; «De um pecador» do Porto, relativo ao mês de Março; a folhita de alface da Avó de Moscavide; outros 20\$, resultado de uma quantia «que não esperava receber»; de um pequeno estudante, por intenção dos seus estudos; em acção de graças; de E. D. M.; de uma filha muito amiga de sua mãe; de Négus, do Porto; pela paz em Portugal, de Lisboa; «com a maior alegria», de Avintes; para as amêndoas da Páscoa, de Lisboa; de Soure, sem mais nada; de Lisboa, uma Páscoa feliz; de Cascais; outra vez a Avó de Moscavide; e em acção de graças, do Porto. Donativos recebidos de várias pessoas pelo «Zé dos Pobres» de Lourenço Marques — 550\$00.

Mais doutrina: «junto envio 100\$, correspondente ao abono de família do mês em que meu filho nasceu. Em Maio, se Deus quiser, quero mandar igual importância, correspondendo ao mês em que nasceu meu segundo filho. Estou esperando a chegada ao mundo dum terceiro. Espero proceder de igual maneira. Peço que se lembre na sua Missa de minha esposa, que está a passar um pouco mal, a fim de Deus permitir que o ente a nascer chegue bem ao mundo». É um Pai de Viseu que assim escre-

ve. Como ele prepara o nascimento de seus filhos! Deve ser feliz, imensamente feliz!

E as migalhas vão engrossando. Cada um consoante pode. Uma Mãe de Lisboa, a pedir pelo filho; o pessoal da Mobil Oil, com o do costume; é a filha a pedir pelo Pai; e a pedir também pela Mãe: «por alma daquela que eu tanto amei para a Obra que ela tanto amou»; vem «uma amargurada» — agora tem vindo sôzinha — eram dois!; vem Figueira da Foz com 50; a Mãe a pedir pelo filho; 50 para um doente do Barredo; o cumprimento de uma promessa; mais: «envio 50, sendo 30 do compromisso que tomei de dar 5\$ por semana enquanto trabalhar e outros 20 de uma companheira»; afinal o outro «amargurado» também veio; cem de Rio Tinto; outro tanto de Lisboa, referente ao primeiro ordenado do filho; metade de Serpa, «para as nossas amêndoas»; e volta Lisboa, para o que fôr mais necessário; outra vez Lisboa com 50 e «que Deus me perdoe os meus pecados»; a mensalidade de A. J. F.; de Portimão 50 e outro tanto, de uma Mãe, para aliviar algum sofrimento; 295\$70, do Grupo Excursionista «Amigos de Pereiró».

Mais doutrina: «Todas as quinzenas ao ler «O Gaiato» sinto pena de não ser um pouquinho rica, só para poder ajudar os meus irmãos que sofrem, os que não têm casa, nem pão, nem Deus. No entanto, se ao menos desse Deus em abundância aos que me rodeiam! O pior é que muitas vezes também sou imensamente pobre d'Ele!» É uma noiva que assim fala. Vede a seriedade com que prepara a mulher e a mãe de amanhã! Sem o Amor de Deus e ao próximo não terá força para vencer as tentações e corresponder ao que Ele lhe pede «não só agora na minha vida de noiva, mas ainda mais amanhã como mulher e como Mãe».

Em «O Comércio do Porto» 450\$; é um amigo que, ao ver o irmão em estado gravíssimo, recorre a Deus dando aos Pobres o seu ordenado — 3.316\$60; mais compromissos que se cumprem: 200\$ sendo cem «para ajudar a uma renda de casa» no Barredo; outro tanto de uma operária que prometeu dar 5\$00 por semana enquanto trabalhar, até 27 de Janeiro e mais 35\$ de três companheiras, do primeiro aumento do seu ordenado; de Lisboa, mais sacrifício — 390\$, aumento de ordenado no primeiro mês; e 500\$ com promessa de voltar.

«Só hoje li e bebi o tão amado «Gaiato» que aqui só chega à 4.ª feira, o que me custa, pois encontro-me sempre ansiosa por beber a sua doutrina».

Continua na quarta página

ÁFRICA

Contin. da primeira página

Na média propriedade (entre 60 e 120 hectares) estava-se ensaiando no Colonato da Cela uma actuação, que ainda não teve tempo de dar completas provas, mas que se antevê muito mais frutuosa. O chefe de família vem à frente, só, ou com alguns elementos da Família que melhor o possam ajudar no trabalho. A parte residencial não está ainda pronta. Tampouco as instalações agrícolas e pecuárias. Tampouco feitas as plantações.

Ele já pode imprimir um pouco do seu jeito no acabamento da casa onde há-de morar mais os seus. Pode realizar um pouco as suas ideias nos armazéns para as alfaias e para os produtos e nas cortes do gado. Pode pôr uma macieira aqui e um limoeiro acolá, conforme o seu gosto. E interfere, desde o início, na grande cultura, que não pode deixar de ser suavemente imposta dado o critério pró-industrial daquela lavoura e tendo em vista a experiência dos produtos mais indicados, que o colono recém-vindo não pode ainda ter.

Junte-se o sacrifício da separação familiar e da vida dura dos primeiros tempos — e aí temos o colono a considerar como seu aquele vasto terreno que quase arroteou, como de sua iniciativa os trabalhos preliminares e as primeiras sementeiras. E deste modo fica agradecido à Brigada pela assistência técnica que lhe prestou, pelo auxílio financeiro que lhe deu — o que ele sabe avaliar pela experiência das dificuldades iniciais que testemunhou e do que se considera justo devedor.

Nós temos vivido sempre entre os extremos de uma Burocracia obsessivo e de uma Burocracia desanimadora. Ambos estiolam o entusiasmo daqueles para quem trabalham. O Dirigismo porque salga o sabor da iniciativa privada; a Burocracia porque o

azeda com a complicação dos métodos e o encrua com a frialdade do seu calor. E afinal uma coisa e outra são tão caras! É é «no meio que está a virtude!» Dirigismo — só até à exploração da fásca que provoca o movimento da iniciativa privada. E depois uma Assistência Técnica e Financeira acessível, que se faça desejada e acorra, rápida e simples, ao chamamento da iniciativa privada quando esta se conhece inoperante por si só.

Quanta iniciativa privada se não estabeleceria se tivesse a certeza desta ajuda eficiente e discreta!

Quão diferente não seria o apego dos colonos pela sua iniciativa, a operar «milagres de multiplicação» por força do trabalho e da generosidade nele posta!

Quanta economia feita no montar da «máquina», se a Brigada Técnica em vez de protagonista aceitasse o papel de comparsa na acção!

Este ensaio feito na Cela com os colonos da «média propriedade», esta perspectiva tomada como regra noutros colonatos, nomeadamente o do Revuê em Moçambique — mostram-nos a vontade de acertar e dão-nos esperança de um acerto cada vez mais próximo do centro do alvo: o bem de todos os portugueses pela valorização das suas terras.

TEATRO AVENIDA-COIMBRA
1 DE MAIO - AS 21,30 HORAS
 Bilhetes à venda no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa Castelo, na Sofia; Mercaria Humberto, R. Azeiteiras, 32; Quiosque Machado, Av. Sá da Bandeira; e bilheteiras do Teatro.

PELAS CASAS DO GAIATO



LAR DE LISBOA

Ex.mo Snr.
Director Geral dos Desportos da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Ficou assente na última Assembleia Geral deste Grupo Desportivo que seria absolutamente necessário solicitar ao organismo máximo do desporto um subsídio para esta Colectividade. Por tal motivo, e se nos dá licença, vamos já direitinhos ao assunto que nos traz por cá:

O nosso Grupo anda bastante «fa-

nado» daquilo com que se compram melões. Por tal motivo, pediamos-lhe o grande favor de se encher de compaixão desta pobre rapaziada. Andamos cheios de interesse em adquirir umas equipas para treinar. O Senhor Padre poderia (note que é condicional) fazer-nos a oferta das sapatinhas e nós cá arranjaremos o resto. Isso por intermédio da Cooperativa fica quase ao preço da chuva. Ande lá...

Pedimos e esperamos que seja viável a nossa petição pois que isto é tudo de aproveitar a ocasião.

Com um abraço e o pedido duma resposta, subscrevemo-nos com toda a consideração e estima.

A bem da Juventude
Grupo Desportivo do Lar do Gaiato de Lisboa.

Agostinho Coelho

PAÇO DE SOUSA

O Senhor Padre Carlos já me tem dito várias vezes para eu escrever a crónica de Paço de Sousa. Eu tenho-lhe desobedecido, mas ainda agora mesmo o Júlio me deu recado que ele andava todo aborrecido comigo por causa do meu procedimento. E eu, embora me custe um pouco, aqui vou dizer algo.

— Agora nesta altura do ano os olhares dos rapazes vão para os jardins, que não tardam a ficar uma categoria. O Ernesto Pinto, um dos grandes animadores, anda a arranjar a ribanceira principal cá do sítio, que estava uma vergonha. Quanto aos jardins, cada casa tem o seu e os rapazes não se têm descuidado. O Jardim mais novo, não sei se sabem, é o da Tipografia e está muito pobrezinho, pois o arquitecto — o Daniel — encontra-se em Inglaterra. No entanto, os rapazes da Tipografia quando podem lá vão dar um jeitinho para não ficar em águas de bacalhau.

— Cá festejámos a Páscoa, como não podia deixar de ser. O Reverendo Padre Fonseca de Aguiar da Beira veio-nos preparar para a Comunhão Pascal. Assistimos às cerimónias da Semana Santa na Igreja Paroquial e tudo correu bem. Na quinta-feira, acabadas as cerimónias, viemos para cima, juntamente com os nossos Pobres, para festejarmos a última Ceia de Jesus Cristo. Ao jantar, os Pobres comemam juntamente connosco e no fim foram-se embora todos contentes e cada qual com a sua regueifa no braço. No domingo, não faltaram os petiscos e as amêndoas, pois a *Sedonana*, nunca se esquece de nós. No fim da refeição principal, o tradicional cigarrito para os mais velhos fizeram a digestão melhor. São assim as nossas festas.

— Os nossos Amigos, agora, nesta época, como o tempo ajuda, têm-nos vindo fazer a sua visita. Algumas excursões trazem o seu grupo de futebol para defrontar o nosso, mas em geral vão sempre derrotados, pois o nosso grupo não é para brincar. Entretanto nunca desanimem, venham cá sempre pois os nossos rapazes estão prontos para os receber.

Por hoje nada mais. Aqui vai um muito obrigado a todos os nossos Amigos e até à próxima.

José Adolfo da Silva Gomes

COLABORE NA

CAMPANHA DE ASSINATURAS

CHALES DE ORDINS

Vieram até nós, ainda em Janeiro, Lisboa, Madalena (Pico) e Cascais — pagando dois chales, quis que déssemos um a uma velhinha necessitada.

Foz-Coa, em carta que é um hino de amor filial, ofereceu-nos 120\$, para agasalharmos

outra Pobre, em homenagem aos 84 anos de sua Mãe, feitos em 22 de Agosto.

Em Fevereiro, uma vicentina de Pisões veio por dois para duas Pobres. Em Março, Lisboa trouxe-nos três.

A senhora do chale mensal virou-se para as camisolas e com 100\$ veio por duas. Deus lhe dê muita saúde e a volte de novo, para os chales, que bem precisam as tecedeiras em férias da sua ajuda amiga. Quem se lembra das Curradeiras de Lisboa?

Dois tapetes gémeos seguiram rumo diferente: um foi para esta freguesia e o outro para a senhora das camisolas, em Lisboa, que, não contente com a sua encomenda mensal das ditas, pensa em conseguirmos casas comerciais que vendam os produtos da nossa tecelagem. Vamos fazer mais tapetes. É artigo mais vendável. Fizemos duas «carpettes», mas parámos, por falta de compradores. São lindas, grandes, e, por isso mesmo, não são para todas as bolsas. Ordins está preparada para fazer

«carpettes» para igrejas, por mais exigentes que sejam.

Do Porto, medicamentos. De Penafiel, batatas e adubo, para os quintais desta Casa. Carviçais trouxe-nos óptimas lembranças.

Creio que de Lisboa 10\$ para «novelos». A «Guidinha Portuense» veio com «mais uma migalhinha». A Maria da Saudade, mesmo doente, vai rezando a sua costurada oração: «Deus me ajude a subir a minha cruz ao Calvário e me dê saúde para eu realizar o meu sonho». Trouxe dez selos. Uma Isabel deu metade, «porque tenho necessidade de dar, para atrair a misericórdia do Senhor». Tenho pena de não ter enviado, além do mais, as suas cotas, relativas à nossa Conferência e a esta Casa, pois, se tão bem pode e precisa das bençãos de Deus, por que não abre a alma e mãos?

Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — Douro.

Vales pagáveis em Paço de Sousa.

Padre Aires

Do que nós necessitamos

Contin. da terceira página

50\$ dos Bombeiros Voluntários de S. João da Pesqueira.

A Cruzada de Bem-Fazer de Campanhã veio em romagem e deixou 150\$00; o do costume para a Viúva da Nota da Quinzena e para ajudar uma Mãe a alimentar o seu filho; um anónimo com 500; lembranças para o jantar do Domingo de Páscoa, 420 de «Um Velho Tripeiro»; a Mariazinha e o Artur também vieram; 250 «para o maior pobre» — pode mandar em carta, para segurança, registada; 1.810\$00 para «O Gaiato» e para os pobres; e 500\$ de «anónima» de Viseu.

Mais doutrina: «Para um dos tantos irmãos nossos que sofrem frio sem terem com que se agasalhar, eu que, por graça de Deus, vivo numa casa e tenho uma cama, envio um cobertor».

Belas ofertas de loiça de porcelana da Fábrica da Vista Alegre; de duas centenas de garrafas da Empresa Vidreira de Fontela; da Empresa Electro-Cerâmica, de Vila Nova de Gaia; um enxoval de bebé, da Beira; generosa oferta de pintos, que são o encanto do Senhor Padre Carlos; pequenos embrulhos e rebuçados da Escola Feminina de Póvoa de S. Miguel — Alentejo; mais roupas pequenas de Moçambique; sapatos, um pacote de roupas, pulovers e chapéus lindos da Camisaria Central; um Pai, de Abrantes, agradecido pelo feliz nascimento da sua primeira filha; da Sociedade Agrícola do Madal, 1.200\$; 3.000\$ no Montepio; 150\$ do aumento de ordenado com «sempre que assim aconteça virei à vossa presença».

Padre Manuel António

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

O QUE RECEBEMOS: Pouco. Muito pouco! Mas a gente não desanima. E os leitores não-de reanimar, se Deus quiser.

Estamos a distribuir cerca de 2.000\$ por mês. E vá lá que o Senhor Padre Carlos ainda não fechou o crédito...

Muita gente há-de-se admirar de raras vezes acusarmos recepção do que nos chega. Mas as colunas de «O Gaiato» têm sido disputadíssimas. Daí a nossa falta de comparência.

Aí vão as ofertas: De Cabeceiras de Basto, um velho amigo apresenta-se com 20\$00. A assinante 17.022 como de costume com o dobro. O 18.223, do Porto, manda 60\$00 para o 1.º semestre. Mais subscritores assim! E mais 50\$00 de Faro. E 20\$ de Helena C. Alves, de Lourenço Marques. Mais 50\$ de Alice Pequena, uma Operária que marca presença amiudadas vezes. Outra vez a 17.022 com 40\$. E metade de Maria F. Ribeiro. E o mesmo de Cantanhede. Mais 50\$ de Lisboa. Outro tanto de Luanda para «que Jesus, Maria e José dê a Paz ao mundo e nos conceda o afastamento dos nossos inimigos que tentam traí-los e perseguir-nos». Mais 50\$ de Mafra. E finalmente 3.000\$ em uma carta inserta noutra local e que é um monumento.

Mais nada por hoje. A todos, o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

PATRIMONIO DOS POBRES

Em continuação dos números anteriores, aí vai mais uma série de placas com a sua localização:

S. Salvador — *Gulpilhares*; S. Sebastião — *Gulpilhares*; S. Sebastião — *Avanca*; S. Silvestre — *S. João da Madeira*; S. Vicente de Paulo — *Covilhã*; S. Vicente de Paulo — *Ribeirão (Famalicão)*; S. Vicente de Paulo — *Carvalhido (Porto)*; S. Vicente de Paulo — *S. Martinho de Dume*; S. Vicente de Paulo — *Bombarral*; Sacor — *Oliveira (Caldas de Moledo)*; Sagrada Família — *Penafiel*; Sagrada Família — *Ribeirão (Famalicão)*; Sagrada Família — *Covilhã*; Sagrada Família — *Toutosa (Livrção)*; Sagrado Coração de Jesus — *Barbaceña*; Sagrado Coração de Jesus — *S. João da Foz do Douro*; Sagrado Coração de Jesus — *Ribeirão (Famalicão)*; Sagrado Coração de Jesus — *Covilhã*; Santa Ana — *Ribeirão (Famalicão)*; Santa Ana e S. Joaquim — *Adémia (Coimbra)*; Santa Casa da Misericórdia do Porto — *Mosteirô (Vila da Feira)*; Santa Cruz — *Carvalhido*; Santa Filomena — *Paredes*; Santa Filomena — *S. Pedro da Raimonda*; Santa Filomena — *Canas de Sabugosa*; Santa Filomena — *Gulpilhares*; Santa Filomena — *S. João da Madeira*; Santa Filomena — *Ribeirão (Famalicão)*; Santa Inês — *Carvalhido (Porto)*; Santa Isabel — *Ribeirão (Famalicão)*; Santa Isabel — *Carvalhido (Porto)*; Santa Isabel — *S. Martinho do Campo (Valongo)*; Santa Isabel e Santa Lúcia — *Adémia (Coimbra)*; Santa Margarida — *S. João da Madeira*; Santa Maria — *Beringel*; Santa Maria — *Aldeia Nova de S. Bento*; Santa Maria — *Carvalhido (Porto)*; Santa Maria — *Gulpilhares*; Santa Maria Coretti — *Ribeirão (Famalicão)*.

CONTINUA

Purificação

Havia talvez uma possibilidade de trabalho em certa fábrica de meias. Assim lá o mandamos com uma vaga esperança. Foi bem recebido e quiseram experimentá-lo no serviço — mas a encarregada olhou com tristeza para as suas mãos grosseiras, calosas e ásperas, deformadas pelo trabalho. Não! Como poderiam umas mãos daquelas lidar de perto com a teia fina das meias de nylon?

Ele ficou angustiado. Perder aquele lugar era adiar por tempo indefinido a solução do seu problema. Não podia perder a oportunidade. Não podia. Era o pão dos filhos que estava em causa. Assim não hesitou e logo ao chegar a casa resolveu operar-se a si próprio. Com uma navalha, corajosamente, cortou, rapou todas as rugosidades, todos os calos desformes que o trabalho lá fizera. Depois, com uma pedra esfregou quanto pôde a pele áspera até quase fazer sangue. E com as pobres mãos doridas, magoadas, lá foi de novo pedir o lugar ambicionado — e foi admitido.

Esta história verdadeira é um exemplo e também um símbolo. Exemplo raro de sacrifício e de vontade indómita para ganhar honradamente o pão de cada dia. Símbolo da obrigação que temos de purificar a nossa própria vida para o podermos erguer mais alto e melhor.

(in «Circular de Ligação» do Secretariado de Acção Social das Conferências de S. Vicente de Paulo — Porto)

IMPÉRIO DE LISBOA

16 DE MAIO — AS 18 HORAS

Bilhetes à venda na Ourivesaria 13 da Rua da Palma 11; no Montepio Geral, Rua do Ouro; e no Lar do Gaiato, R. dos Navegantes 34 r/c, Telefone 669451

TEATRO LUISA TODY — SETUBAL

17 DE MAIO — AS 21,30 HORAS

Bilhetes à venda nas bilheteiras do Teatro Luisa Tody, Papelaria Campos no Largo da Misericórdia e Loja de João Ferreira da Costa na Praça do Bocage.